

Cansada, depois de um voo desde Belgrado — onde esteve a filmar o próximo filme, “Thérèse Raquin” —, a atriz (vencedora de dois Óscares e cinco Globos de Ouro) falou-nos de um amor antigo: a fotografia. Até 19 de agosto, pode apreciar o seu olhar na Fundação D. Luís I, em Cascais.

Estudou Arte e Fotografia na Universidade do Minnesota, em 1968. Aí conheceu o seu primeiro marido, Francisco Paco Grande, que era fotógrafo. Aprendeu com ele?

Éramos um grupo de jovens fotógrafos e viajámos bastante pela Europa. Rodámos documentários, um sobre ciganos, outro sobre personagens de rua. Quando voltei para Nova Iorque, conheci todos os fotógrafos seminais desse período: Robert Frank, Danny Lyon, Larry Clark, Ralph Gibson... Foi com eles que descobri a fotografia. Era algo que me fascinava, mas não me via a fazê-lo.

Tirou fotografias nessa deambulação pela Europa?

Não, e tenho imensa pena, porque assisti a acontecimentos de viragem, como o maio de 1968, em Paris. Depois, interessei-me por representação e por dança, e decidi estudar Mímica, em Paris. Isso levou-me por um caminho totalmente diferente, do qual nunca mais regresssei.

Até que o seu terceiro marido, o realizador Sam Mendes, lhe ofereceu uma Leica M6.

E voltei a fotografar, há uns 15 anos. Tornou-se uma paixão. Era como um antídoto dos filmes e do palco, porque era muito privado e solitário, quase o oposto de fazer um filme, que resulta sempre da colaboração de muitas pessoas. Na fotografia encontrei uma forma maravilhosa de estar sozinha. Algo quase meditativo. Permitiu-me observar e isso foi um grande alívio. Por muito que adore representar, chega-se a um ponto em que cansa ser observado.

Jessica Lange veio a Cascais inaugurar a exposição “Unseen”, que reúne mais de 130 fotografias registadas pela multipremiada atriz, duas vezes vencedora de um Óscar. Ao Expresso, Lange falou desta sua paixão, que estudou nos tempos da universidade

“ADORARIA VOLTAR ATRÁS E ESQUECER A REPRESENTAÇÃO”

As duas artes estão interligadas.

As situações que me atraem na fotografia são muito cinematográficas — seja pela luz, pelo gesto, pelo enquadramento. É a teatralidade da imagem que me atrai. Isso pode vir de 30 anos a fazer filmes, que me deram a entender o poder emocional da luz e a arte de contar histórias.

Porque fotografa sempre a preto e branco?

Porque distrai muito menos que a cor. Gosto da forma como o preto e branco define, de um modo muito preciso.

A fotografia digital já a tentou?

Nunca tentei. Tenho imensas recordações dos grandes fotógrafos com quem convivi a revelar os filmes e a pendurar os negativos... E de se improvisarem câmaras escuras nas casas de banho dos hotéis, com tabuleiros na banheira. Há algo muito sensual nisso. Durante anos, revelei as fotos na câmara escura na cave da minha casa. Tinha-a ao lado da máquina de lavar roupa, o que deu origem a algumas imagens desfocadas... [risos]

Já esteve em sítios onde ninguém sabia quem era?

Em muitas aldeolas onde estive, no México, consegui passar despercebida. Adoro fotografar à noite. A noite expõe coisas que não se veem de dia. Há algo no escuro que muda os ambientes, o modo como as pessoas se comportam. Sobreretudo no México, onde as noites são quentes. Aí, toda a gente está na rua.

Sente-se mais livre?

Claro. Sinto-me em casa. É curioso, porque tirei as minhas melhores fotografias no México e no Minnesota, que

é o meu lar. São os únicos sítios em que me sinto emocionada quando regresso. Aquela espécie de excitação, como quando nos apaixonamos.

Diz-se que, nas fotografias, o que mais se vê é o fotógrafo. Nas suas imagens há um forte elemento de solidão. Sente-se só?

Não sei se me sinto só quando fotografo, mas essa tem sido uma emoção poderosa na minha vida. Por isso, também existe nas minhas fotos.

Tem muitas fotografias das suas viagens ao Congo e à Rússia, como Embaixadora da Boa Vontade da Unicef. O que retirou daí?

A viagem mais poderosa que fiz pela Unicef foi ao Congo. O país estava em conflito, e nós fomos trabalhar com mulheres violadas. A violência sexual era usada como arma de guerra. Levei a minha câmara, mas não consegui fotografar nenhuma daquelas mulheres nos seus estados mais vulneráveis. Não sou esse tipo de fotógrafa. Teria muita dificuldade em pegar na máquina e registar a dor de alguém. Adoraria poder voltar atrás e recomeçar. Esquecer a representação, e enveredar pela fotografia, o documentário...

Quando percebeu que a sua fotografia tinha qualidade para ser exposta?

Só nos últimos anos a mostrei. Durante anos, fotografava para mim, revelava na câmara escura, e depois as imagens iam para a minha caixinha preta. Às vezes, mostrava-as aos miúdos [tem três filhos, os seus primeiros objetos fotográficos] e perguntava-lhes se as achavam boas [risos]. Era muita pressão para pôr em crianças. Olhavam para mim como se fosse louca. ● KATYA DELIMBEUF

ISOLAMENTO
PARA LANGE,
FOTOGRAFAR É O
ANTÍDOTO PERFEITO
DOS FILMES. UMA
FORMA SOLITÁRIA DE
OBSERVAR

